

**POR UMA ECOLOGIA DA COMUNICAÇÃO:
considerações preliminares, ambientes virtuais e
ambientes ancestrais¹**

**TOWARDS AN ECOLOGY OF COMMUNICATION:
preliminary considerations, virtual environments, and
ancestral environments**

Norval Baitello Junior²

José João Name³

Fabio Cypriano⁴

Resumo: A proposta de uma “ecologia da comunicação” é uma abordagem para o estudo dos meios que privilegie não um olhar formal sobre eles, mas um olhar “ecológico”, ou seja, um estudo dos ambientes criados pelos meios, não se restringindo a uma visão simplificadora ou mesmo amputadora dos entornos e contextos, dos impactos e das coerções exercidas sobre os outros participantes destes mesmos ambientes. Assim, o olhar ecológico demanda uma prática complexa de construção de cenários presentes, considerando arqueologias e futurologias. Este texto faz uma arqueologia de autores que podemos considerar como precursores ou em diálogo com uma “ecologia da comunicação”, entre eles Günther Anders, Michel Foucault, Walter Benjamin, Aby Warburg, Gregory Bateson, Hans Belting, Jakob von Uexküll e Vilém Flusser. Tratamos ainda de duas abordagens ecológicas: uma de ambientes ancestrais, com Nego Bispo e Davi Kopenawa, e outra de ambientes virtuais, analisados a partir de premissas de Agamben e Otto Gross.

Palavras-Chave: Ecologia da Comunicação. Ambiente virtual. Ambiente ancestral.

Abstract: The proposal of an “ecology of communication” is an approach to the study of media that prioritizes not a formal perspective on them, but an “ecological” one — that is, a study of the environments created by media, without restricting itself to a simplifying or even amputating view of the surroundings and contexts, the impacts, and the constraints exerted on the other participants of these same environments. Thus, the ecological perspective requires a complex practice of constructing present scenarios, considering archaeologies and futurologies. This text presents an archaeology of authors whom we may consider as precursors of, or in dialogue with, an “ecology of communication,” among them Günther Anders, Michel Foucault, Walter Benjamin, Aby Warburg, Gregory Bateson, Hans Belting, Jakob von Uexküll, and Vilém Flusser. We also address two ecological approaches: one concerning ancestral environments, with Nego Bispo and Davi Kopenawa, and another concerning virtual environments, analyzed from the premises of Agamben and Otto Gross.

Keywords: Ecology of communication. Virtual environment. Ancestral environment.

1 Trabalho apresentado ao Grupo de Comunicação e Cultura. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

2 Professor titular na PUC-SP no PPG em Comunicação e Semiótica; doutor em Ciência da Comunicação pela Universidade Livre de Berlim. Pesquisador 1A do CNPq; norvalbaitellojr@gmail.com

3 Pesquisador do Núcleo de Estudos Avançados em Ecologia da Mídia na PUC-SP, doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP, namepucsp@gmail.com.

4 Professor associado na PUC-SP no PPG em Comunicação e Semiótica e no PPG em Artes e Práticas Culturais, doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, cypriano@pucsp.br.

Considerações preliminares sobre uma Ecologia da Comunicação

É inegável que os meios de comunicação possuem a força de participar ativamente na criação e na transformação dos ambientes em que vivemos. Este fato forçosamente altera a maneira como lidamos com eles, seja do ponto de vista pragmático, seja do ponto de vista científico. A proposta de uma “ecologia da comunicação” é uma abordagem para o estudo dos meios que privilegie não um olhar formal sobre eles (como foi comum nos estudos propostos pelas ciências da linguagem, no bojo do “linguistic turn”), mas um olhar “ecológico”, ou seja, um estudo dos ambientes criados pelos meios, não se restringindo a uma visão simplificadora ou mesmo amputadora dos entornos e contextos, dos impactos e das coerções exercidas sobre os outros partícipes destes mesmos ambientes. Assim, o olhar ecológico demanda uma prática complexa de construção de cenários presentes, considerando arqueologias e futurologias.

Uma ciência arqueológica, uma ciência futuroológica

O conceito de ciências arqueológicas vem sendo proposto reiteradamente por importantes pensadores do século XX, atentos para os impactos da civilização ocidental após as grandes revoluções industriais. A rápida transformação dos ambientes da biosfera e a igualmente radical transformação da sociosfera humana têm sido objeto de consistentes estudos das mais diversas ciências, desde a filosofia, passando pela antropologia, pela sociologia, pela psicologia e pela história da cultura e das artes. Uma ciência arqueológica voltada para as ciências humanas e sociais escava estratos de linguagem, cultura, técnica, memória e poder.

Mencionaremos aqui apenas alguns exemplos notáveis, iniciando por Günther Anders (1902–1992) e seu importante *Die Antiquiertheit des Menschen* (A obsolescência do humano), de 1956, e *Hiroshima ist überall* (Hiroshima está em toda parte), reunindo escritos de 1962 a 1965. Anders analisa nestes escritos a rápida deterioração dos ambientes humanos (incluindo o início da corrida armamentista atômica) e suas consequências políticas, sem se esquecer da participação ativa dos ambientes mediáticos (na época já sob a hegemonia dos meios de massa, rádio e televisão).

Em uma linha similar situam-se Michel Foucault (1926–1984), com sua *Arqueologia do Saber* e *As Palavras e as Coisas*, com uma análise das condições históricas de possibilidade

do saber e um estudo dos regimes discursivos. Foucault escava as formações discursivas como quem analisa estratos geológicos do pensamento.

Indispensável incluir nesta perspectiva o pensamento de Walter Benjamin (1892 – 1940), em toda sua obra, mas exemplarmente em suas *Passagens*, nas quais a história é vista como montagem de fragmentos e analisada em suas ruínas, seus restos e seus vestígios, em uma perspectiva crítica do progresso. O pesquisador trabalha como um colecionador de detritos históricos, revelando o inconsciente da cultura.

Incluimos nesta mesma família epistemológica o complexo e instigante pensador Aby Warburg (1866-1929), fundador de uma arqueologia das imagens e da memória cultural. Seus conceitos de *Nachleben* (pós-vida) e de *Pathosformel* (fórmula de paixão), voltado para o estudo da história das imagens e seu impacto, foram pioneiros ao focarem não a forma, mas o entorno dos produtos da criação humana. Warburg escava camadas de memória imagética que reaparecem ao longo dos séculos e atribui a esta densidade histórica seu poder de impacto sobre o presente e o futuro. Sua obra vem sendo redescoberta, finalmente editada e estudada avidamente no século XXI, depois de meio século de total esquecimento.

Não deve ser esquecido neste campo também Siegfried Kracauer (1889–1966) que produz uma arqueologia da cultura de massas e do cotidiano moderno fazendo uma leitura dos “fenômenos superficiais” (moda, cinema, arquitetura).

Igualmente necessário voltarmos nossa atenção para o filósofo Hans Blumenberg (1920–1996) que desenvolveu uma arqueologia das metáforas e das formas simbólicas escavando os fundamentos imaginários do pensamento conceitual, suas metáforas e suas mitologias. Obras de referência: *Paradigmas para uma Metaforologia*, *A Legibilidade do Mundo e Tempo da vida e tempo do mundo*.

Também incluimos nesta perspectiva Gregory Bateson (1904–1980) que não pertence diretamente à tradição arqueológica histórica-discursiva (como Foucault ou Benjamin), porém compartilha o mesmo gesto epistemológico profundo: investigar as condicionantes invisíveis que estruturam o pensamento, a percepção e a cultura. Ou seja, ele faz algo muito próximo de uma “arqueologia dos padrões de pensamento”, só que em chave sistêmica, ecológica e cibernética, não histórica-documental. Ele busca padrões que organizam a comunicação (metacomunicação), as estruturas profundas da mente (learning I, II, III), as formas relacionais invisíveis (double bind) e as ecologias cognitivas que moldam cultura e comportamento. Em vez de escavar discursos históricos, ele escava padrões relacionais e lógicos. Obras que revelam

essa dimensão “ecológico-arqueológica” *Steps to an Ecology of Mind, Mind and Nature, Naven*. Nesses livros ele desmonta categorias aparentemente naturais (mente, indivíduo, comunicação, patologia) e mostra que são efeitos de configurações sistêmicas profundas — o que é muito próximo do gesto foucaultiano de desmontar “verdades evidentes”.

Ambientes de culto, das artes e da mídia

Uma instigante contribuição para uma ecologia da mídia vem do campo dos estudos da imagem realizados pelo historiador da arte Hans Belting (1935-2023). Ao estudar as imagens da antiguidade greco-romana e sobretudo as imagens do longo medievo, o pesquisador postula que o que determina a natureza de uma imagem não é a sua forma, mas o seu entorno. Um entorno de culto gera imagens de culto e olhares de culto, um entorno estético gera imagens e olhares estéticos, um entorno mediático cria olhares e imagens que privilegiam a natureza mediática das imagens.

O pensamento de Belting se encaixa numa perspectiva de ecologia das imagens, mesmo que ele não use esse termo com frequência. Seu trabalho desloca a história da arte tradicional para algo muito mais próximo de uma antropologia e circulação viva das imagens, isto é, um estudo das relações entre imagens, corpos, mídias e culturas. Enquanto Bateson fala em *ecologia da mente*, Belting pode ser lido como proponente de uma ecologia da visualidade.

Belting rompe com três pressupostos clássicos: a) imagem não é automaticamente obra de arte, b) a história da arte não é a história das imagens e c) a visão não é um fenômeno puramente óptico. Para ele, a imagem só existe em uma tríade dinâmica composta de imagem, meio e corpo. Essa tríade já é, por definição, ecológica, porque não há nenhuma imagem isolada, toda imagem depende de um suporte técnico e de um corpo que a atualiza perceptivamente. Em termos conceituais, sua abordagem é ecológica porque as imagens não têm identidade fixa; elas mudam conforme o meio (ícone, pintura, fotografia, vídeo, tela digital). Imagens migram entre contextos históricos e técnicos, como organismos em um ecossistema. Novas mídias transformam o próprio modo de imaginar (o digital altera o regime do visível) e o corpo é parte do sistema, participando por meio da memória, de um rito específico, de sua percepção e de seu afeto. Isso é muito próximo da lógica sistêmica de Gregory Bateson pois padrões emergem das relações e não de substâncias isoladas. Algumas obras de referência são

Antropologia da Imagem, Imagem e Culto, Florença e Bagdad, A imagem autêntica. E O Fim da História da Arte?

Belting não perquire “o que é uma imagem”, mas onde vivem as imagens, por onde elas transitam, quais são os corpos que as ativam e como elas se transformam ao mudar de ambiente. Isso é exatamente como definimos um pensamento ecológico.

Enquanto Belting pratica uma ecologia midiático-antropológica, estudando a vida social das imagens, Warburg pratica uma ecologia mnêmica que investiga a memória das imagens e sua potência, Bateson propõe uma ecologia sistêmica, que observa os padrões mentais criados pelos ambientes. Já Benjamin, com uma ecologia histórico-material, estuda as ruínas da modernidade, enquanto Foucault, com sua ecologia epistêmica, estende sua lupa aos discursos e sua estratégia.

Um precursor, Uexküll (1864–1944), criador do conceito de *Umwelt*

Se quisermos apontar um dos fundamentos filosófico-biológicos da ecologia moderna, Jakob von Uexküll é um dos nomes decisivos, por muito tempo, subestimado. Ele desloca a ecologia de uma simples descrição externa de ambientes para uma investigação interna dos mundos vividos pelos organismos. Trata-se aqui de uma mudança radical, pois a natureza não é vista como um mundo único objetivo, mas uma multiplicidade de mundos perceptivos co-existent. A contribuição-chave de Uexküll é o conceito de *Umwelt*, literalmente “mundo em volta” ou “ambiente”, entendido por ele como “mundo-próprio” ou “mundo-vivido”. Cada organismo seleciona certos estímulos, ignora outros e constrói um recorte significativo do ambiente.

O exemplo clássico de Uexküll é o carrapato, que percebe apenas três sinais, o odor de ácido butírico (emitido por mamíferos), a aproximação de uma fonte de calor e a textura da pele de um hospedeiro. Para o carrapato o mundo é apenas isto, uma vez que ele não possui órgão de visão nem audição. Consequentemente o ambiente é diferente da realidade objetiva, uma vez que ele é filtrado pela estrutura sensório-motora do organismo. Funda-se aqui uma ecologia relacional, não objetivista.

A partir daí, a ecologia passa a ser o estudo da relação entre o organismo e o meio ambiente, mediada pela percepção, pela ação e pela interpretação (ou leitura dos significados), deixando de ser apenas o estudo físico-químico do meio. Tal proposta introduz três viradas fundamentais: a) o perspectivismo biológico, segundo o qual não há natureza neutra, mas apenas naturezas situadas; b) organismo e ambiente formam um circuito funcional (Funktionskreis) de percepção que leva à ação que modifica o meio que traz uma nova percepção; c) o ambiente é sempre semiótico, não apenas material, isto é, ele tem que ser lido/entendido/interpretado pelo organismo a partir dos sinais que emite.

Assim, Uexküll fornece o fundamento biológico profundo para todas as concepções elencadas acima, demonstrando que a ideia de que a realidade é relacional e construída na interação. Ele transforma a ecologia de uma ciência do espaço físico em uma ciência dos mundos vividos.

Poderíamos dizer que o “ambiente” ou o “meio” é, para Foucault, o campo de discursos, para Warburg, a memória cultural das imagens, para Belting, o ecossistema imagem-corpo-mídia, para Bateson, o sistema mente-natureza e para Uexküll, o mundo perceptivo do organismo.

Vicente Romano e sua Ecologia da Mídia

A contribuição central de Vicente Romano (1943–2014) é ter deslocado a comunicação do campo instrumental/informacional para um campo ambiental e existencial. Em vez de perguntar “como transmitir mensagens de modo eficiente?” ele pergunta “em que tipo de ambiente humano vivemos quando a comunicação é mediada tecnicamente?” Tal mudança é decisiva, porque demonstra que a comunicação não é mera técnica, mas um ecossistema. Seu principal pressuposto é que os meios de comunicação não apenas veiculam conteúdos. Eles constroem o ambiente vital onde percebemos o mundo, sentimos e nos relacionamos, ou seja, não são meros canais, mas um habitat. A hipermediação tecnológica constrói habitats inóspitos afetando os ritmos de vida, a atenção (e o foco), a memória, os vínculos afetivos, as vivências de tempo e espaço, abrindo caminho para a aceleração digital (que afeta a capacidade reflexiva), a saturação informacional (que dificulta o discernimento) e a perda gradativa da presença (que afeta negativamente as sociabilidades). Como antídoto para a preservação da

saúde psíquica e social, Romano propõe mais copresença, resgate de uma oralidade presencial (foco no momento presente com interlocuções diretas), desaceleração dos ritmos impostos pela sociedade produtivista, mais vida em comunidade, menos agonística e mais solidária, e uso exaustivo da territorialidade primordial, dos espaços que proporcionem uma vida social saudável, buscando uma “comunicação sustentável”.

Suas principais obras são: *Ecología de la comunicación*, *La formación de la mentalidad sumisa*, *El tiempo y el espacio en la comunicación*, *Desarrollo y progreso*. Romano mostra que a comunicação é o ambiente onde a vida social respira e que ambientes comunicativos tóxicos produzem subjetividades doentes. Ele é um dos autores que levam o paradigma ecológico para o campo político-cultural da mídia.

Vilém Flusser e a ecologia dos aparatos e das não-coisas

Vilém Flusser (1920 – 1991) foi um pensador pioneiro de uma ecologia da comunicação, embora nunca tivesse mencionado esta denominação. Além de manter intensa correspondência sobre a ecologia da biosfera com Rodolfo Geiser (cf. [arquivovilemflussersp/correspondência](#)), toda sua obra trata de ambientes: o ambiente dos aparatos e da tecnologia, os ambientes da escrita, os ambientes da escalada das abstrações e da nulodimensionalidade, o ambiente da idolatria e da textolatria, o ambiente da pós-história e os ambientes das não-coisas, o ambiente do consumo e do lixo, o ambiente das cidades.

Sobretudo seus ensaios, seus cursos e sua correspondência estão repletos de reflexões sobre os mais distintos ambientes da comunicação e da cultura, sua arqueologia, seus desenvolvimentos e seu impacto. Desde sua *Für eine Philosophie der Fotografie* (Filosofia da caixa preta), o livro que o tornou conhecido na Europa, até seus dois últimos livros inacabados *Menschwerdung* (Hominização) e *Vom Subjekt zum Projekt* (Do sujeito ao projeto), editados postumamente em um único volume, suas reflexões invariavelmente tratam de relações dos meios de comunicação com seu entorno, atribuindo a este entorno um importante protagonismo.

Dentro desta perspectiva epistemológica inúmeros outros autores podem oferecer contribuições significativas que aqui não serão senão mencionados: Edgar Morin, Tetsuro Watsuji, Masao Yamaguchi, Harry Pross, Dietmar Kamper, Christoph Wulf, Muniz Sodré, Frans De Waal, Irenäus Eibl-Eibesfeldt, Oliver Sacks, Aleksander Luria, Dieter Wyss, António

Damásio, László Földényi, Otto Gross, Roger Caillois, Georges Bataille, V. V. Ivanov, Norbert Elias e muitos outros, todos invariavelmente pensadores transdisciplinares.

Exemplarmente trataremos a seguir de duas abordagens ecológicas: uma de ambientes ancestrais e outra de ambientes virtuais.

Ambientes Virtuais

Em 1913, o psiquiatra e psicanalista austríaco Otto Gross, escrevia sobre o conflito do si-mesmo com o estranho em seu texto “Sobre a simbologia da destruição”:

O medo da solidão e a pulsão de integração compelem a criança a se adaptar: a sugestão da vontade estrangeira, que se chama de “educação”, será assimilada ao próprio querer. E é assim que a maioria consiste praticamente em apenas uma vontade estrangeira por ela assimilada; num feitio estrangeiro ao qual se adaptou; num ser estrangeiro que lhes parece representar totalmente a própria personalidade. Em suma, tornaram-se seres uniformes em sua essência porque toda a vontade estrangeira de que são feitos, na realidade, visa — em sua mais profunda essência e em seus objetivos derradeiros — à uniformidade. Eles se pouparam do dilaceramento interior, adaptaram-se às coisas tais como elas são. Eles representam a grande maioria. (Gross, 2017, p. 121)

A reflexão psicanalítica de Otto Gross, então voltada para a pressão do grupo social, da sociedade, da família, da cultura e da religião no indivíduo em desenvolvimento, ganha hoje uma assombrosa dimensão quando se juntam a tais pressões aquelas do circuito extracorpóreo do imaginário⁵ difundidas que são pelos artefatos de alta tecnologia, que se apresentam hoje como indispensáveis à vida individual e social. Crianças e adultos têm, portanto, um novo dispositivo, como veremos mais a frente, que condicionará a estruturação e reestruturação de sua subjetividade e sua vida interior, moldando, portanto, o desenvolvimento da personalidade e da vida em sociedade.

Os algoritmos são desenhados para captar as nuances de desejos e interesses, formulando ao mesmo tempo opções eletivas que visam três finalidades: a continuidade da conexão, a instalação de uma exo-vontade virtual e o eterno retorno do imaginário parasitado por imagens sintéticas de toda ordem. Essa incorporação do inorgânico através de imagens sintéticas, filtros fotográficos, modelos artificiais de beleza etc. ao sistema subjetivo, tem como consequência imediata uma perda funcional verificável no sistema cognitivo. E aqui

⁵ Vide Name e Baitello Junior (2025) no qual é desenvolvido o conceito de nulificação do orgânico através da circulação extracerebral do imaginário pelos celulares e computadores que provocam, em uma considerável proporção, uma amálgama patogênica entre as imagens endógenas do imaginário natural com aquelas provenientes do equipamento digital, sintéticas, inorgânicas e de caráter malicioso e viral.

encontramos uma dupla condição predisponente, a ser vista a seguir, para os transtornos mentais individuais e coletivos que é o seu resultado mais evidente: a agressão tóxica e silenciosa do mundo virtual e o aniquilamento da subjetividade íntegra que não mais responde a essa agressão.

Ambientes Existenciais

O desenvolvimento tecnológico humano ultrapassou, em muito, outros potenciais desenvolvimentos da espécie humana e foi chamado por Michel Serres (SERRES: 2003, p. 65) de exodarwinismo tecnológico. Esse desenvolvimento se deu em paralelo com o da linguagem que, por sua vez permitiu construir, articular e documentar a criatividade tecnológica. Então, assim como a linguagem, a tecnologia inaugura no início do século XXI o que poderíamos denominar ambientes existenciais qualificados que, como vimos anteriormente, se constituem como um novo mundo⁶, nos quais se processam elementos distintos com vistas a diferentes finalidades.

Chamamos ambientes pois neles estão presentes, de forma integrada e complexa, condições internas e externas que condicionam a sensação, o sentimento, o pensamento e as ações. Elevadores, automóveis, aviões, cadernos e fogões, são exemplos de tecnologias, que carregam um modo específico de uso e incorporação na trama das ações humanas. Por outro lado, outros objetos tecnológicos, se diferenciam destes pois envolvem a percepção como base da sua estruturação e função. Neste caso encontram-se, a câmera fotográfica e a fotografia, o cinema, as estações televisivas e a televisão, o rádio, o microscópio, o telescópio etc. Uma terceira categoria, predominantemente virtual, se diferencia qualitativa e quantitativamente das anteriores pois envolve um importante deslocamento da consciência, da atenção, da volição, das escolhas e, portanto, da própria subjetividade, como parte do mecanismo mesmo pelo qual visa executar sua função, criando, assim, os ambientes existenciais virtuais. O ambiente como rede complexa de relações percepções e significados, assume, na perspectiva do virtual, uma condição de extraordinária dependência e submissão a interesses operados pelos algoritmos e que são, por definição, dissociados do interesse real dos usuários.

⁶ Diferentemente das transformações históricas anteriores, nas quais nos levavam a perceber o mundo com outros olhos, a revolução digital promove uma imersão no virtual, individual e coletivamente como em um *outro mundo*, como em um novo ambiente existencial que é experienciado em contraponto ao mundo natural.

Diferentemente de outras tecnologias, computadores, celulares, telas eletrônicas, IA, programas, algoritmos, gadgets, aplicativos integram seu funcionamento ao próprio fluxo da vida mental individual, alterando radicalmente a condição existencial. A experiência imediata das redes sociais se dá de forma dialógica através da interação contínua do sujeito com o algoritmo. Esse deslocamento existencial para um teatro semi-imaginado/semissintético se dá através da atração do fluxo do imaginário natural para correr mesclado com o fluxo perene da atividade virtual através dos aparelhos digitais.

O desenvolvimento de um consumidor como um permanente agente de consumo é a base de sua estrutura pois, a informação gerada pelas múltiplas consultas nos sistemas de busca e a catalogação dos usuários através dos cookies, é a moeda corrente dos espaços virtuais. O poder então, gerado pelas informações descritivas dos desejos, sonhos e projetos dos usuários, é capaz de permitir aos agentes desse poder, movimentar livremente as escolhas dos indivíduos, consumidores e eleitores, bolsas de valores e estados, tornando o ambiente virtual um espaço indistinguível da vida comum, mas produzido e gerenciado por grandes corporações tecnológicas de grande porte e com interesses particulares dissociados do interesse público.

A inserção de uma tecnologia com o objetivo de captar informações, controlar, monitorar, submeter, indivíduos ou grupos sociais sempre existiu, seja através da palavra, da lei, das instituições religiosas ou estatais. Diferentemente das instituições, digamos analógicas como as mencionadas, hoje temos uma nova instituição virtual com características únicas que atende a definição de Agamben para “dispositivos”, que veremos a seguir, entretanto, de uma forma peculiar na qual o ambiente imaterial produzido pelos aparelhos digitais é o próprio dispositivo: “[...] qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes”. (Agamben, 2009, p.40)

Além das instituições que de forma evidente estão conectadas com o poder, a classe dos dispositivos inclui todo e qualquer ordenamento proposto por um elemento, sistema ou aparelho exterior ao indivíduo que a ele se incorpora como prática. Da caneta à escrita, dos aviões aos computadores e celulares às redes sociais, estamos sujeitos a uma permanente ação e remodelação, nas quais o sujeito mesmo é a matéria prima da transformação.

Nesse caso, o ambiente virtual vai além do “sistema ou aparelho exterior ao indivíduo” como dispositivo, pois este envolve áreas da individualidade que definem o indivíduo como tal e, portanto, deixa de ser exterior a ele. Isso implica a enorme dificuldade que se tem encontrado

em legislar ou controlar esse ambiente, mesmo para questões óbvias de segurança pessoal e proteção de crianças e adolescentes. Os inúmeros dispositivos que foram desenvolvidos incluem, não somente os objetos, os textos, e o não-dito de nosso momento histórico, mas sobretudo a relação que se estabelece entre eles. Essa relação se evidencia de forma exemplar nas mídias sociais trazendo para esses novos dispositivos um conjunto de elementos de monitoramento e controle tão eficazes quanto sutis em sua incorporação sorrateira ao humano.

Múltiplos sujeitos em um único indivíduo: o sujeito descentralizado

Acompanhando as concepções de Gross e que confluem com Agamben, o sujeito é o resultado da fricção entre duas classes: a do humano e a dos dispositivos ou do si mesmo e do estranho ou estrangeiro. Ao contrário do estranho convencional não tecnológico: religiões e estados, moral vigente etc., os dispositivos virtuais se caracterizam pela superficialidade, pela inflação torturante de imagens e informações, e, sobretudo pelo motor central da dimensão virtual que é engendrar a dependência tecnológica para assegurar o controle do usuário, transformando sua atenção cativa no produto central de seu modelo de negócios.

O deslocamento do centro de decisões do interior do indivíduo para o espaço de interação com os algoritmos, a perda da integridade subjetiva pela incorporação de identidades prontas, filtros e de validação externa como sustentação precária do indivíduo desconstruído revela uma fricção desigual e tendenciosa. Essa fricção entre os indivíduos e os ordenamentos das inúmeras instituições que se veem aglutinadas nas BigTechs, induz, por essas características, a processos de subjetivação precários produzindo, portanto, sujeitos embrionários em um mesmo indivíduo, todos modelados, influenciados e monitorados pelo aparato virtual, o que corresponde a noção de sujeito descentralizado⁷.

A modelação e remodelação do sujeito, do usuário, do *self*, sempre foi o objetivo mais importante das instituições religiosas, dos governos totalitários, das ideologias e dos segmentos identitários da sociedade, dispositivos que determinaram amplamente o curso da história humana. Os sujeitos são, portanto, naturalmente constituídos pelos dispositivos familiares, escolares e religiosos, jurídicos etc., cada uma dessas instituições requer ao seu tempo que sejam instalados processos ritualísticos que ordenem a transformação do indivíduo: de criança à maioridade, de um nível escolar a outro, de pecador a absolvido de seus pecados etc. Essa

⁷ O conceito de "sujeito descentralizado" refere-se à quebra da ideia clássica do "indivíduo soberano", aquele ser humano racional, unificado, autônomo e totalmente consciente de suas ações

recriação do sujeito em transformação pressupõe uma evolução individual e coletiva. Uma fase imprescindível da transformação do sujeito é a dessubjetivação, através da qual o indivíduo se esvazia da estrutura a ser transformada para assim ganhar o espaço a ser preenchido pelo novo sujeito. São descritos os momentos que precedem a absolvição dos pecados através do rito da confissão no catolicismo, e os momentos imediatamente consecutivos, como essa passagem de uma dessubjetivação do eu pecador à resubjetivação como eu purificado. O mesmo ocorre com o réu/condenado/ absolvido ou o paciente doente/curado. Essa dessubjetivação/subjetivação funcional ocorre através de um processo ritualístico específico para cada dispositivo.

Entretanto, o desenvolvimento dos aparelhos digitais, computadores e celulares - máquinas domésticas e portáteis, - capazes de fazer transitar o imaginário pessoal por um campo imaginário coletivo e semissintético sem limites, a circulação extra cerebral do imaginário como denominamos aqui, trouxe consequências significativas ao processo de construção e reconstrução dos sujeitos.

Subjetivação e dessubjetivação: a nulificação do orgânico

Os processos atuais que interferem na formação do sujeito, principalmente pela generalizada presença do meio virtual como ambiente no qual esses processos se dão, ocorrem de forma a fazer predominar os processos de dessubjetivação, justificados pela inflação e consequente desvalorização das imagens, filmes, informações, propostas, cursos, música, a pregação religiosa online etc. Essa abundância de impressões com alta rotatividade, não permite, pelas limitações próprias do cérebro humano, processar de modo eficiente a enorme quantidade de elementos a que é exposto.

Como pode-se ler em Agamben (2009), na não-verdade do sujeito não há mais de modo algum a sua verdade. Aquele que se deixa capturar no dispositivo telefone celular, qualquer que seja a intensidade do desejo que o impulsionou, não adquire, por isso, uma nova subjetividade, mas somente um número através do qual pode ser, eventualmente, controlado. Dessa forma as sociedades contemporâneas se tornaram corpos inertes atravessados por gigantescos processos de dessubjetivação que não correspondem ou não desembocam em nenhuma reconstrução real do sujeito. Vê-se passivamente, uma remodelação do mundo, tendo diante de si “o corpo social mais dócil e frágil de que se tem notícia na história da humanidade”. (AGAMBEN, 2009, p. 49)

O processo de subjetivação/dessubjetivação ocorre na medida da relação do usuário com aparelho digital de uma forma silenciosa e através de ritos automáticos semiconscientes, que incluem, a circulação extra cerebral do imaginário e seu suporte: a posse do aparelho, seu uso contínuo, o carregá-lo por todos os lados, atender ao mínimo sinal de chamada das mídias sociais e mesmo de *robots*, sua presença à noite antes de dormir e ao acordar etc. Esse processo que se inicia pela desconstrução gradual do sujeito através da dessubjetivação implica algumas alterações na relação do indivíduo consigo mesmo, com o seu corpo e com o ambiente que o circunda e que se expressam pelo afastamento da percepção do corpo, dos sentidos, da sensação de presença e da concepção da alteridade, que gradualmente se atrofia.

Essa dessubjetivação se diferencia da submissão, digamos analógica (como ao juiz, ao padre, ao médico, à moda, à televisão ou a qualquer outro meio não digital), pois esta última pode se dar de forma episódica e inclui sempre alguma forma de reconfiguração redentora da subjetividade construída na própria relação, como já vimos: réu condenado/absolvido ou pena imposta/pena cumprida, paciente doente/curado, pecador/absolvido dos pecados pela confissão; cliente da moda vigente/moda alternativa, etc. No mundo digital, entretanto, não há, para o usuário, o compromisso com qualquer rito que o guie para a construção de um sujeito potencialmente superior, mas é heterodeterminado pelas demandas, em última análise comerciais, dos algoritmos que conduzem o novo “dessujeito” para sites, redes, programas e grupos que dependem apenas do seu automatismo (frequentemente apenas de um só dedo) para circular por inúmeros ambientes existenciais, nos quais ele apenas empresta sua “não existência” semiconsciente. Como nos diz Baitello (2015):

A lógica dos ecos, da repetição e do encantamento da mesmice (por si só) é o princípio dos algoritmos que distribuem os usuários pela sua semelhança e pela sua confirmação, nunca pela sua diversidade. Todo processo educativo propõe o enriquecimento e a expansão do universo do conhecimento, a diversificação do conhecimento. O que os algoritmos do eco propõem é o contrário, a deseducação em nome da formação de bolhas de indivíduos que apenas ecoam a si mesmos e aos seus pares. (Baitello, 2015)

Uma segunda fase do processo dessubjetivação/subjetivação seria a estruturação de um novo sujeito ou um sujeito renovado. Entretanto, no mundo virtual, o que poderíamos chamar de um “rito contínuo” de dessubjetivação nunca alcança seu fim, pois a intencionalidade que subjaz ao processo virtual tem como objetivo a captura e o sequestro permanente do usuário. Nesse sentido a diferenciação entre o navegar no mundo virtual e a imersão no mundo virtual,

mostra os limites a partir dos quais entramos na condição de risco. Na navegação “O explorador controla seu acesso a um imenso banco de dados de acordo com princípios e reflexos mentais análogos aos que fazem controlar o acesso ao seu ambiente físico imediato” (LÉVY, 1999). Na imersão, que compreende um alto grau de envolvimento do usuário com a mídia, sucede como se o usuário estivesse mergulhado em outra realidade.

Estar absorto em si, divagando, é agora exoalimentado pela circulação extra cerebral. Antes da era digital era comum estar absorto em um diálogo interno ou em um devaneio. Hoje o diálogo interno e o devaneio são em parte processados fora dos limites do cérebro com o predomínio frequente da imersão, principalmente pela profusão de relações nas redes sociais que tiveram um crescimento exponencial desde o lançamento público do Facebook em 2006.

Nos parece ainda mais importante que, como é próprio da natureza humana, sejam formados sujeitos que assumam a agência de seus pensamentos e de suas ações. Como esse processo se desenvolve nas condições extraordinárias em que nos encontramos?

Nessa condição, onde prevalece o processo de dessubjetivação, ocorre a nulificação do orgânico pela incorporação progressiva de imagens, textos e informações sintéticas. Dado que as poderosas forças dessubjetivantes se encontram em atividade contínua, ocorre o impedimento da formação de sujeitos estruturados o que resulta em formas toscas e pouco estruturadas de sujeitos. Dois efeitos secundários são produzidos por este processo: 1.a formação de um sujeito hipossuficiente, cada vez mais permeável às recompensas vazias próprias do mundo virtual, o que o torna um burocrata semiconsciente que só faz girar a enorme engrenagem da qual é parte e 2. que somente através da adesão a um grupo da mesma categoria pode adquirir o sentido da agência e de uma presença no mundo, gerando a adesão às ideologias, teorias e causas dissonantes (como a do fascismo, dos movimentos terra-plana, anti-vacina, etc) e que geram a catástrofe política que assistimos retornando a Baitello (2015) mencionado acima: “[...] *o que os algoritmos do eco propõem é o contrário, a deseducação em nome da formação de bolhas de indivíduos que apenas ecoam a si mesmos e aos seus pares*”. A estruturação do sujeito passa a ser assim, ao mesmo tempo, sua desestruturação que só encontra sentido em coletivos guiados pela fantasmagoria digital que converte, aos seus olhos, o abismo em espetáculo.

Ambientes ancestrais

De certa forma, podemos dizer que a ecologia da comunicação que ocorre nos ambientes virtuais, da forma como vistos até agora, é criada em espaços urbanos, em geral vinculados a grandes corporações, universidades e órgãos governamentais e/ou militares. E esse processo, que culmina em um ambiente dominado pelos algoritmos a partir de decisões que visam à economia da atenção, pode ser observado como resultado de um “processo civilizador” que teve início há muitos séculos, como nos mostra Norbert Elias (1990), cujo objetivo final é o controle dos corpos, ou seja, a gestão das vidas, o que mais tarde será denominado por Michel Foucault como “biopolítica” (1988).

Frente a essa análise tão catastrófica, mesmo que realista, vem se consolidando uma outra abordagem possível, recente em sua formulação pública, mas com muito mais tradição, por lideranças e pensadores que se localizam no que podemos chamar de ambientes ancestrais.

Com a crise climática, lideranças indígenas como Ailton Krenak e Davi Kopenawa ou quilombolas como Antônio Bispo dos Santos (1959 – 2023), também conhecido como Nego Bispo, ganharam visibilidade, respeito e credibilidade, pela defesa intransigente das florestas e dos povos que nela habitam. Importante citar que essas vozes sucedem um grupo de pesquisadores e da literatura antropológica que encarnou o pensamento ecológico em nomes como Donna Haraway, Eduardo Viveiros de Castro, Anna L. Tsing e Bruno Latour, entre tantos outros.

A queda do céu

Krenak, Kopenawa e Bispo, de certa, são fruto de um gesto ousado do antropólogo Bruce Albert, que publicou, na França, *A queda do céu – palavras de um xamã yanomami* (2010)⁸ concretizando o “desejo de falar na primeira pessoa a cultura estudada”, como defende o filósofo italiano Emanuele Coccia (ALBERT, 2022, p.14).

Contudo, se a crise ambiental fortaleceu as vozes dos povos ancestrais _ o livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, de Ailton Krenak, foi um dos mais lidos durante a pandemia e levou seu autor a tornar-se membro da Academia Brasileira de Letras, em 2023, os conteúdos dessas falas não se restringem à temática ambiental, mas trazem um pensamento mais complexo, que podemos apontar também como uma possibilidade epistemológica na ecologia da comunicação.

⁸ O livro *A queda do céu* em português foi publicado no Brasil apenas em 2015, a partir da versão original em francês.

Assim, primeiro retomamos aqui alguns pontos essenciais da compreensão da ecologia da comunicação em quatro elementos: a comunicação como um sistema vivo; as relações interdependentes entre sujeitos, ambientes e fluxos de informação; a ideia de que não há comunicação isolada do mundo, e, finalmente, que os meios, sejam tecnológicos ou não, modulam modos de existência e de conhecimento. Em síntese, trata-se de um conceito que vai além da mídia e envolve uma visão relacional entre seres, ambientes e processos comunicativos.

A partir desses princípios, podemos perceber como a cosmopolítica yanomami, tal qual apresentada por Kopenawa, no livro *A Queda do Céu*, parte de questões totalmente em sintonia com a ecologia da comunicação. De acordo o xamã, o mundo é uma rede de relações entre humanos, espíritos, animais e plantas:

Para os Yanomami, a “terra floresta” *urihi a* não é de nenhuma maneira um espaço exterior à sociedade, cenário mudo e inerte de atividades humanas e simples campo de recursos cujo domínio se deveria controlar. Trata-se mais de uma vasta entidade viva dotada, como todas as outras, de uma imagem-essência (*utupë a*) a que os xamãs chamam *Urihinari a*. Essa imagem (*urihi a* *në utupë*) refere-se primeiro à unidade visível da floresta, à sua forma corporal: o solo é assim sua “pele exterior” (*sipo si*) e a vegetação, sua pilosidade. Ela também remete a seu *animatio* vital: a floresta é dotada de um sopro (*urihi wixia*), exalação úmida cujo frescor garante seu “valor de feacademiartilidade” (*urihi a* *në rope*), isto é, a força do crescimento tanto de sua vegetação como a de todas as plantas cultivadas nas roças que ali são abertas. (ALBERT, 2023, p. 42)

Como se percebe, para os Yanomami, a comunicação não é apenas verbal, mas também xamânica, sensorial e ambiental, e a saúde da floresta depende de escutas e trocas com seres visíveis e invisíveis.

Finalmente, a “queda do céu”, ou seja, a catástrofe ecológica é também uma destruição das formas de comunicação que mantêm o mundo em equilíbrio. Isso configura um pensamento comunicacional ecológico por natureza. A floresta é um sistema de relações comunicantes. Quando garimpeiros entram, não apenas poluem, eles rompem canais comunicativos que mantêm o cosmos.

Confluência

O pensamento complexo de Kopenawa torna-se fortemente político quando confrontado com o que ocorre nos ambientes virtuais. Suas proposições partem de uma teia de relações que entram em conflito direto com uma cultura “imperial” (AZOULAY, 2024), como bem define a artista e professora Ariella Azoulay.

Esse componente crítico é a essência do pensamento do quilombola Antonio Bispo dos Santos, já em um dos termos mais caros a que considera o humanismo como valor do processo civilizador: “Humanismo é uma palavra companheira da palavra desenvolvimento, cuja ideia é tratar os seres humanos como seres que querem ser criadores, e não criaturas da natureza, que querem superar a natureza” (SANTOS: 2023, p. 30). Com uma frase tão simples quanto contundente, ele desmonta um dos conceitos da modernidade, quase unanimidade no campo progressista.

Sua crítica a tal conceito, no entanto, ocorre justamente pela percepção da falta de comunicação:

A humanidade é contra o envolvimento, é contra vivermos envolvidos com as árvores, com a terra, com as matas. Desenvolvimento é sinônimo de desconectar do cosmo, quebrar a originalidade. O desenvolvimento surge em Gênese. Relacionar-se de forma original, para o eurocristão, é pecado. Eles tentam humanizar e tornar sintético tudo que é original. (SANTOS: 2023, p. 30)

Às vezes é preciso que uma voz bastante fora do sistema, como é o caso do quilombola Nego Bispo, como ele costuma ser chamado, para que algumas certezas até então consolidadas passem por uma necessária revisão. Nego Bispo, que nasceu em 1959, traz uma série de conceitos a partir de sua experiência nos quilombo Saco Curtume, no município de São João do Piauí, sendo o primeiro de sua família a ser alfabetizado. Exercendo papel de liderança, atuou na Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Piauí, tendo vivido algum tempo em áreas urbanas.

Fiquei na cidade grande por cerca de cinco anos, até chegar o momento em que compreendi que ali não era meu lugar. (...) A cidade não me cabe. Enquanto a sociedade é feita por posseiros, as nossas comunidades são feitas por pessoas. Na cidade, as pessoas tinham medo da gente. Nas comunidades (...) vivíamos tranquilos”. (SANTOS: 2023, pg. 21)

Entre os principais conceitos desenvolvidos por Nego Bispo e que se pode associar à Ecologia da Comunicação, está a proposta de Confluência, que é um modo de relação em que diferentes mundos se encontram sem que um precise dominar, integrar ou absorver o outro, algo semelhante ao que Kopenawa apresenta em sua relação com a floresta.

Confluência é uma ética e uma política das diferenças, em que cada grupo mantém sua forma de vida, sua autonomia e sua cosmovisão, criando encontros sem imposição. Trata-se aqui de um contraponto radical aos processos colonizadores ou imperiais. Enquanto a colonização funciona por conversão, integração, enquadramento, captura de corpos e territórios e imposição de uma única narrativa, a confluência funciona por encontro sem fusão.

Trata-se, assim, de uma forma de pensar a comunicação de uma maneira onde todos se respeitam e respeitam também o ambiente das trocas. É importante observar aqui, que é preciso um cuidado para não observar essas formulações ancestrais a partir de categorias ocidentais. Trata-se de uma cosmologia própria, especialmente no caso dos Yanomamis. Ao mesmo tempo, contudo, elas podem nos ajudar a rever conceitos e ideias tão decadentes que há tempos estamos usando.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- ALBERT, Bruce e KOPENAWA, Davi. **O espírito da Floresta**. São Paulo, Companhia das Letras: 2022.
- ALBERT, Bruce e KOPENAWA, Davi. **A queda do céu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ANDERS, Günther. **Die Antiquiertheit des Menschen (A obsolescência do humano)**. München: C.H. Beck, 1956.
- ANDERS, Günther. **Hiroshima ist überall (Hiroshima está em toda parte)**. München: C.H. Beck, 1982.
- AZOULAY, Ariela Aïsha. **História Potencial**. São Paulo: Ubu editora, 2024.
- BAITELLO JUNIOR, Norval. "(A massa sem corpo), (o corpo sem massa), (a massa sem massa), (o corpo sem corpo). As redes sociais como ambientes de ausência (e fundamentalismos)". In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; KUNSCH, Margarida Maria Krohling (Orgs.). **Comunicação, cultura e mídias sociais**. São Paulo: ECA-USP, 2015. p. 17-22.
- BATESON, Gregory. **Naven: A Survey of the Problems Suggested by a Composite Picture of the Culture of a New Guinea Tribe**. Cambridge: Cambridge University Press, 1936.
- BATESON, Gregory. **Steps to an Ecology of Mind**. San Francisco: Chandler Publishing Company, 1972.
- BATESON, Gregory. **Mind and Nature: A Necessary Unity**. New York: E. P. Dutton, 1979.
- BELTING, Hans. **Das Ende der Kunstgeschichte? (O Fim da História da Arte?)**. München: Deutscher Kunstverlag, 1983.
- BELTING, Hans. **Bild und Kult. Eine Geschichte des Bildes vor dem Zeitalter der Kunst (Imagem e Culto. Uma história da imagem antes da era da arte)**. München: C.H. Beck, 1990.
- BELTING, Hans. **Bild-Anthropologie. Entwürfe für eine Bildwissenschaft (Antropologia da Imagem. Projetos para uma ciência da imagem)**. München: Wilhelm Fink Verlag, 2001.
- BELTING, Hans. **Das echte Bild (A imagem autêntica)**. München: C.H. Beck, 2005.
- BELTING, Hans. **Florenz und Bagdad. Eine westöstliche Geschichte des Blicks (Florença e Bagdad. Uma história ocidente-oriental do olhar)**. München: C.H. Beck, 2008.
- BENJAMIN, Walter. **Gesammelte Schriften (Obras Reunidas)**. Frankfurt: Suhrkamp, 1972-1989.
- BENJAMIN, Walter. **Das Passagen-Werk (Passagens)**. Frankfurt: Suhrkamp, 1982.
- BLUMENBERG, H. **Die Lesbarkeit der Welt (A Legibilidade do Mundo)**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1981.
- BLUMENBERG, H. **Lebenszeit und Weltzeit (Tempo da vida e tempo do mundo)**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986.
- BLUMENBERG, H. **Trabajo sobre el mito**. Barcelona: Paidós, 2003.
- BLUMENBERG, H. **Historia del espíritu de la técnica**. Valencia: Pre-textos, 2013.
- BLUMENBERG, Hans. **Paradigmen zu einer Metaphorologie (Paradigmas para uma Metaforologia)**. Bonn: Bouvier, 1960.
- BLUMENBERG, Hans. **Paradigmas para una Metaforologia**. Madrid: ed. Trotta, 2003.

- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador - volumes 1 e 2**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- FLUSSER, Vilém. **Für eine Philosophie der Fotografie**. Göttingen: European Photography, 1983.
- FLUSSER, Vilém. **Medienkultur (Cultura dos meios)**. Frankfurt: Fischer, 1997.
- FLUSSER, Vilém. **Vom Subjekt zum Projekt. Menschwerdung**. Frankfurt: Fischer, 1998.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **Les mots et les choses (As palavras e as coisas)**. Paris: Gallimard, 1966.
- FOUCAULT, Michel. **L'archéologie du savoir (A Arqueologia do Saber)**. Paris: Gallimard, 1969.
- GROSS, Otto. **Por uma psicanálise revolucionária**. Tradução de Paulo Sérgio de Souza Jr. São Paulo: Anna-blume, 2017.
- KRACAUER, Siegfried. **From Caligari to Hitler: A Psychological History of the German Film**. Princeton: Princeton University Press, 1947.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.
- NAME, José João; BAITELLO JUNIOR, Norval. A circulação extracerebral do imaginário ou a nulificação do orgânico. In: 34º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS. Curitiba: **Anais eletrônicos**, 2025. Disponível em: <https://publicacoes.softaliza.com.br/compos2025/article/view/11259>. Acesso em: 17 fev. 2026.
- ROMANO, Vicente. **La formación de la mentalidad sumisa**. Madrid: Libros de la Catarata, 1993.
- ROMANO, Vicente. **Desarrollo y progreso. Por una ecología de la comunicación**. Barcelona: Teide, 1993.
- ROMANO, Vicente. **El tiempo y el espacio en la comunicación**. Hondarribia: Hiru, 1998.
- ROMANO, Vicente. **Ecología de la comunicación**. Hondarribia: Hiru, 2003.
- SERRES, Michel. **Hominescências: o começo de uma outra humanidade**. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- SANTOS, Antonio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu editora, 2023.
- UEXKÜLL, Jakob von. **Umwelt und Innenwelt der Tiere (Ambiente e mundo interior dos animais)**. Berlin: Julius Springer, 1909.
- UEXKÜLL, Jakob von. **Theoretische Biologie (Biologia Teórica)**. Berlin: Julius Springer, 1920.
- UEXKÜLL, Jakob von. **Streifzüge durch die Umwelten von Tieren und Menschen (Passeios pelos ambientes de animais e homens)**. Berlin: Julius Springer, 1934.
- WARBURG, Aby. **Werke in einem Band (Obras em um volume)**. Frankfurt: Suhrkamp, 2010.